

Preliminar

Um comentário do Prof. Delfim Neto

Professor Emérito da FEA/USP

Marx

Delfim Neto

Cassiano colocou uma mesma pergunta (“Por que ler Marx hoje?”) a mim e a três brilhantes filósofos, seguramente mais conhecedores da obra de Marx do que eu. Eles deram respostas argumentadas e definitivas. Eu, um modesto economista, pensei em me livrar dela respondendo simplesmente: “Porque Marx não é moda. É eterno”.

Ledo engano. Recebi a cobrança de alguns elegantes leitores para que a explicitasse. Pois bem, os “marxismos” que continuam a infestar a história são modas: produtos de ocasião de pensadores menores. Há sérias dúvidas, aliás, que Marx tenha alguma vez se reconhecido como “marxista”.

Mas a problemática que ele colocou — o que é o homem e como pode realizar plenamente a sua humanidade diante dos constrangimentos que lhe impõe a organização da sociedade — é eterna. Ele teve muito cuidado em não explicitar a sua solução. Cuidado que não tiveram alguns que se pensaram como seus discípulos no século 20. Quando no poder, decidiram levar a sério a construção do “homem novo”, o que terminou em tragédia.

A mercadoria

Seção 3 do Capítulo 1

A forma de valor ou valor de troca

Estrutura Capítulo I

Nome: A mercadoria

Seção 1: Os dois fatores da mercadoria

Seção 2: Duplo caráter do trabalho

Seção 3. A forma de valor ou o valor de troca

Seção 4: O caráter fetichista da mercadoria e o seu segredo.

Estrutura da Seção 3

Subseção A) Forma simples, singular ou
acidental do valor.

Subseção B) Forma de valor total ou
desdobrada.

Subseção C) Forma geral do valor.

Estrutura da Subseção A

Sub subseção 1) Os dois polos da expressão de valor: forma relativa e forma equivalente.

Sub subseção 2) A forma relativa.

Sub subseção 3) A forma equivalente.

Sub subseção 4) O conjunto da forma simples de valor

A forma relativa

Essa sub subseção tem duas partes:

- a) Conteúdo da forma relativa de valor;
- b) Determinação quantitativa da forma relativa de valor.

Vamos relembrar a)

a) Conteúdo da forma

Diz Marx:

"Para descobrir como a expressão simples de valor de uma mercadoria se esconde na relação de valor entre duas mercadorias deve-se considerar a relação, de início, totalmente independente de seu lado quantitativo".

Nota: Ou seja, apenas qualitativamente.

a) Conteúdo da forma

Linho = casaco

Este é o enigma.

"Linho = casaco é o fundamento da equação".

b) Determinação quantitativa

Depois que foi descoberto o conteúdo subjacente à forma relativa de valor ou valor de troca, Marx diz:

*"A forma de valor tem de expressar não só o valor em geral, mas também valor **determinado quantitativamente**, ou grandeza de valor"*

Conteúdo quantitativo

Diz Marx:

"A equação "20 varas de linho = 1 casaco" [...] pressupõe que 1 casaco contém tanta substância de valor quanto 20 varas de linho, que ambas as quantidades de mercadorias custam assim o mesmo trabalho ou igual quantidade de tempo de trabalho".

Produtividade

Diz Marx:

"O tempo de trabalho necessário para a produção de 20 varas de linho ou 1 casaco muda [...] conforme se altera a força produtiva do trabalho de tecelagem ou de alfaiataria"

Como muda o valor de troca?

Linho = x casaco

Produtividade casaco = constante.

Produtividade linho $\uparrow$, como muda x ?
Ora, $x \downarrow$.

Produtividade linho $\downarrow$, como muda x ?
Ora, $x \uparrow$.

Como muda o valor de troca?

Linho = x casaco

Produtividade linho = constante.

Produtividade casaco $\uparrow$, como muda x ?
Ora, $x \uparrow$.

Produtividade casaco $\downarrow$, como muda x ?
Ora, $x \downarrow$.

A forma equivalente

seção 3) A forma de valor ou valor de troca

Subseção A) Forma simples

Sub subseção 3: A forma equivalente.

Dado **Linho = x casaco**

Aqui se analisam as peculiaridades da mercadoria casaco como corpo de valor.

Posição de equivalente

Diz Marx:

*"Tão logo, porém, a espécie de mercadoria casaco assume na expressão de valor o **lugar de equivalente**, sua grandeza de valor não adquire **nenhuma expressão** como grandeza de valor. Ela figura na equação muito mais apenas como determinado **quantum de uma coisa**"*

Posição de equivalente

Em O Capital está escrito:

*"Por exemplo: 40 varas de linho "valem" - o que?
2 casacos. Como a espécie de mercadoria casaco
desempenha aqui o papel de equivalente,...
basta também determinado quantum de
casacos para expressar determinado quantum
de valor de linho".*

1ª peculiaridade

Diz Marx:

“O valor de uso torna-se forma de manifestação de seu contrário, o valor”

Ou seja, o casaco, como coisa, expressa o que coisa não é, ou seja, o valor.

Uma analogia

Note-se que a forma natural da mercadoria "casaco" torna-se forma de valor, ou seja, forma do valor do linho. O mesmo ocorre em "um saco de carvão = 60 cilindros de platina".

Esse cilindro, como se sabe, foi chamado de quilo. Logo, "um saco de carvão pesa 60 quilos". Aqui o cilindro de platina expressa peso, algo que não é um elemento químico e não tem forma cilíndrica. Peso, como sabemos, é nome comum da ação da gravidade.

Mas há uma diferença...

Diz Marx:

*"Aqui termina, entretanto, a analogia. [A platina representa na expressão de peso do saco de carvão uma propriedade natural comum a ambos os corpos], [...] enquanto que o casaco representa na expressão de valor do linho uma **propriedade sobrenatural** a ambas as coisas: seu valor, **algo puramente social**".*

Dualidade: social e natural...

Preste-se aqui muito atenção à dualidade expressiva:

*"[...] a forma relativa [...] indica que nela **se oculta uma relação social**. Com a forma equivalente se dá o contrário [...] parece que o casaco possui, **por natureza**, sua forma equivalente, sua propriedade de ser diretamente trocável... Daí o enigmático da forma equivalente... quando essa se apresenta já pronta, sob a forma de dinheiro"*

2ª peculiaridade

Diz Marx:

“O trabalho concreto se converte na forma de manifestação de seu contrário, trabalho humano abstrato”.

Ou seja, o concreto manifesta o abstrato. A relação entre essência e aparência é contraditória.

A contradição...

Diz Marx:

*"O corpo da mercadoria que serve de equivalente figura sempre como **corporificação do trabalho humano abstrato** e é sempre o produto de determinado trabalho concreto, útil. Esse trabalho **concreto torna-se portanto expressão de trabalho humano abstrato**".*

3ª peculiaridade

Diz Marx:

“O trabalho privado se converte na forma de seu contrário, trabalho em forma diretamente social.”

Ou seja, tudo aparece de modo invertido no modo de produção capitalista.

A aparência é necessária

Os trabalhos concretos que produzem linho, casaco etc. são trabalhos privados. O trabalho de alfaiataria, entretanto, funciona aí como mera expressão de trabalho humano indiferenciado, trabalho em forma diretamente social. Daí, diz Marx:

"Por isso mesmo, apresenta-se ele num produto que é diretamente trocável por outra mercadoria".

Um trecho importante

Agora, vamos ler um trecho de **O Capital** que é muito importante para entender que o valor propriamente dito é uma categoria que só se aplica ao modo de produção capitalista. Pois, antes do capitalismo, havia valor apenas na circulação.

As duas peculiaridades da forma equivalente desenvolvidas por último tornam-se ainda mais palpáveis, quando retornamos ao grande pesquisador que primeiramente analisou a forma de valor, assim como muitas formas de pensamento, de sociedade e da natureza. Este é Aristóteles.

De início declara Aristóteles claramente que a forma dinheiro da mercadoria é apenas a figura mais desenvolvida da forma simples de valor, isto é, da expressão do valor de uma mercadoria em outra mercadoria qualquer. Pois ele diz:

“5 almofadas = 1 casa”

(“Κλίνειν πέντε ἀντὶ οἰκίας”).

“não se diferencia” de:

“5 almofadas = tanto dinheiro”

(“Κλίνειν πέντε ἀντὶ... ὅσου αἱ πέντε κλίνειν”).

Ele reconhece, ademais, que a relação de valor, em que essa expressão de va-

lor está contida, condiciona por seu lado que a casa é equiparada qualitativamente à almofada e que essas coisas perceptivelmente diferentes, sem tal igualdade de essências, não poderiam ser relacionadas entre si, como grandezas comensuráveis.

“A troca”, diz ele, “não pode existir sem a igualdade, nem a igualdade, sem a comensurabilidade” (“οὐτ’ ἰσότης μὴ οὐσης συμμετρίας”).

Mas aqui ele se detém desconfiado e renuncia a seguir, analisando a forma de valor.

É, porém, em verdade, impossível (“τῇ μὲν οὖν ἀληθείᾳ ἀδύνατον”) que coisas de espécies tão diferentes sejam comensuráveis, isto é, qualitativamente iguais. Essa equiparação pode apenas ser algo estranho à verdadeira natureza das coisas, por conseguinte, somente um artifício para a necessidade prática.”^{6*}

O próprio Aristóteles nos diz em que fracassa o prosseguimento de sua análise, a saber, na falta do conceito de valor. Que é o igual, isto é, a substância comum que a casa representa para a almofada na expressão de valor da almofada? Tal coisa não pode “em verdade existir”, diz Aristóteles. Por quê? A casa representa, contraposta à almofada, algo igual, na medida em que represente o que é realmente igual em ambas, a almofada e a casa. E isso é — trabalho humano.

Que na forma dos valores de mercadorias todos os trabalhos são expressos como trabalho humano igual, e portanto como equivalentes, não podia Aristóteles deduzir da própria forma de valor, porque a sociedade grega baseava-se no trabalho escravo e tinha, portanto, por base natural a desigualdade entre os homens e suas forças de trabalho. O segredo da expressão de valor, a igualdade e a equivalência de todos os trabalhos, porque e na medida em que são trabalho humano em geral, somente pode ser decifrado quando o conceito da igualdade humana já possui a consciência de um preconceito popular. Mas isso só é possível numa sociedade na qual a forma mercadoria é a forma geral do produto de trabalho, por conseguinte também a relação das pessoas umas com as outras enquanto possuidoras de mercadorias é a relação social dominante. O gênio de Aristóteles resplandece justamente em que ele descobre uma relação de igualdade na expressão de valor das mercadorias. Somente as limitações históricas da sociedade, na qual ele viveu, o impediram de descobrir em que consiste “em verdade” essa relação de igualdade.